FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Grupo de Teatro e Pesquisa Plano B encena Verdugo no Festivale

Por Simone Carleto Fontes[1]

A peça "Verdugo", nasce de uma livre adaptação do texto homônimo da escritora paulista Hilda Hilst, em diálogo com o pensamento crítico do diretor e pesquisador Rafael Bougleux acerca das relações entre o teatro, a imagem e a palavra. Em cena, acompanhamos a história de um verdugo incumbido de executar um homem condenado por crimes contra o Estado. No entanto, ele se recusa a matar aquele que foi capaz de "tocar profundamente o seu coração". Movido pela dúvida, o verdugo abre, em sua própria casa, uma discussão sobre a inocência do condenado, que divide a sua família e coloca em xeque valores fundamentais como fé, justiça e amor. O conflito se intensifica com a chegada de um juiz, que pressiona o verdugo e lhe oferece dinheiro para acelerar a execução. Verdugo mostra o dilema de um carrasco encarregado de executar um homem condenado por pensar diferente do sistema. Ao se recusar a cumprir sua função, ele transforma sua casa em um campo de disputa sobre justiça, moral e responsabilidade. Em meio à polarização e à banalização da violência, a história expõe como pessoas comuns podem sustentar estruturas de opressão.

Uma realização do Grupo Plano B De Teatro, de Franca, Verdugo, com direção e produção de Rafael Bougleux, trata-se de uma adaptação dramatúrgica da obra original de Hilda Hilst, feita por Caetano Barsoteli, Luis Eduardo Faleiros e Rafael Bougleux. Identifica-se, pela proposta de encenação, o processo de pesquisa realizado pelo numeroso e potente elenco formado por Amanda Avelar, Caetano Barsoteli, Fábio Santiago, Felipe Castro, Junior Carrejo, Lorenna Faleiros, Luís Eduardo Faleiros, Manu Sodré, Walleschka Yasmin e Wesley Basilio. Fundado em 2015 como Grupo de Teatro e Pesquisa Quarentena, o coletivo passou por uma profunda reestruturação após a pandemia da Covid-19. Em 2023, ressurgiu

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

como Plano B, nome que remete à capacidade de adaptação e reinvenção diante das adversidades.

O Verdugo é uma peça teatral em dois atos escrita por Hilda Hilst em 1969, durante o período mais duro da Ditadura Militar no Brasil (os chamados "Anos de Chumbo"). A obra funciona como uma alegoria política e filosófica sobre a opressão, o autoritarismo e a perda de valores humanos diante do medo e do dinheiro. Um homem de 50 anos que vive em uma aldeia atemporal e é encarregado de executar as sentenças. No entanto, ele se recusa a matar um prisioneiro porque sente que o homem é inocente, bondoso e diferente. O Condenado é um homem que não cometeu crimes tradicionais, mas foi condenado à morte pelo Estado por proferir discursos críticos, revolucionários e de esperança que ameaçam a ordem vigente. A esposa e a filha pressionam o carrasco a cumprir a ordem, tentadas pela promessa de uma grande recompensa em dinheiro oferecida pelos juízes (cerca de 12 a 13 milhões). A esposa chega a tentar assumir a execução no lugar dele. O filho, por outro lado, solidariza-se com o prisioneiro. No original, diante da revolta da população manipulada e seduzida pela violência e pelo dinheiro, o verdugo se põe à frente do condenado para protegê-lo. A multidão enfurecida acaba linchando e assassinando tanto o verdugo quanto o prisioneiro. No final, o filho do verdugo se une aos chamados "homens-coiotes" (figuras com patas de lobo). Já na adaptação, o desfecho mostra o linchamento do Verdugo e seu Filho, de modo bastante exacerbado e cruel, enquanto a fala do Condenado fica em suspenso, quando as palavras são omitidas em lapso final e blackout da cena derradeira: “Então, o homem que até então estava parado e com a cabeça coberta, se levanta. Ele retira o capuz e observa calmamente a tragédia que o povo promoveu. Suspensão. A multidão prende o fôlego. O homem pega o machado e levanta. Aponta o objeto na direção dos restos de Verdugo e do seu filho, respira profundamente, caminha em direção ao povo e diz:"

A peça reflete o medo da perseguição, da censura e da tortura sob o regime militar e mostra como pessoas comuns (a família e os cidadãos) são corrompidas pela ganância e se submetem à lógica de um Estado que mata em nome da "lei". O dilema do carrasco resume a tensão entre perder a identidade cega ao sistema ou perder a própria consciência.

O primeiro ato se passa majoritariamente no ambiente íntimo da casa do Verdugo, expondo como o autoritarismo invade a família por meio do dinheiro. A cenografia de Gabriel Faleiros e Rebeca Amorim ambienta na época com a estética pertinente, em diálogo

com os figurinos de Rosa Campos, com uma paleta de cores harmônica e sugestiva da composição das personagens. A iluminação de Gabriel Faleiros traz dois lados para acompanhar as ambientações do primeiro e segundo ato. No lado do ambiente da sala, luminárias de calha com lâmpadas fluorescentes mostram nitidamente o conflito familiar pela pressão do dilema social; enquanto as luminárias pendentes com suas lâmpadas individuais fazem metalinguagem teatral, ao mesmo tempo que garantem as nuances dos diálogos, cenas de violência, embates públicos.

O segundo ato desloca o conflito para a esfera pública e o local da execução, mostrando a passagem da corrupção privada para a violência de massa. O povo se reúne para assistir à morte, revelando uma sociedade anestesiada que trata a execução como entretenimento e dever cívico. Percebendo que o marido não cederá, a Mulher rompe de vez com qualquer laço afetivo e se oferece para executar o prisioneiro e ficar com a recompensa. Nos momentos finais, a figura do condenado ganha força simbólica como alguém que aceita o martírio sem ódio, contrastando com a histeria ao redor. As autoridades manipulam o medo e o fanatismo da população, apontando o Verdugo como traidor da ordem e inimigo da comunidade.

A apresentação da fábula dramatúrgica é entremeada pelos interlúdios interpretativos do grupo, ou relativizada e comentada por elementos coreográficos e musicais. A preparação corporal é de Felipe Castro, a preparação vocal de Lorenna Faleiro e a direção musical de Lorenna Faleiros e Manu Sodré. As inserções musicais são muito bem executadas, principalmente a partir do meio do espetáculo, quando corpos e vozes estão mais afinados e coesos. No processo de pesquisa e continuidade do trabalho, o grupo poderá enfatizar esses elementos musicais e coreográficos como recursos épicos autorais no dramaturgismo do espetáculo. Bem marcado nos desenhos de cena, as execuções das movimentações tendem a ser mais orgânicas com o apuramento da interpretação na articulação das falas em detrimento do volume próximo do grito, assim como da teatralização que não reitere as violências físicas, mas demonstrem sua absurdidade. Esse processo de afinação evita alguns esbarrões acidentais que ocorreram durante a apresentação entre atores e atrizes do elenco, e o que chamamos “limpeza” das cenas, suprimindo gestualidades e adereços não essenciais, como uma bolsa que ficou em cena, mesmo dentro de casa. Evidentemente esses recursos podem ser intencionais, mas é fundamental que seja explicitado na própria encenação as suas pertinências, para que o

público possa acompanhar de modo efetivo os acontecimentos e as críticas propostas pelo grupo.

A relevância de se montar um texto como *Verdugo* nos dias de hoje trata-se de um ato de extrema urgência, transcendendo a recuperação histórica; A alegoria de Hilda Hilst, forjada sob o peso dos Anos de Chumbo, dialoga de forma estarrecedora com a nossa atualidade. O espetáculo nos coloca diante de um espelho incômodo ao expor a polarização extremada, a banalização da vida, a espetacularização da violência e a facilidade com que pessoas comuns, seduzidas por lógicas de capital e poder, continuam a sustentar estruturas autoritárias e opressivas no cenário contemporâneo. O dilema moral do carrasco não ficou no passado de 1969, mas ecoa nas escolhas diárias de uma sociedade frequentemente anestesiada pela intolerância e pelos fanatismos coletivos.

Nesse cenário de fraturas sociais, faz-se imprescindível exaltar a força motriz e vital do teatro de grupo e da pesquisa cênica continuada. A trajetória do Grupo Plano B — que se reergueu de uma pandemia, mantendo a pulsação e o compromisso de um coletivo numeroso e investigativo — prova que o teatro de grupo é, em sua essência, puro ato de resistência estética e política. É justamente o rigor e o aprofundamento na pesquisa (investigando o corpo, as tessituras vocais, a música e o dramaturgismo da cena) que permite a esses artistas traduzir a densidade da obra em provocação viva. Que a teimosia e a coragem dos coletivos de teatro continuem a ocupar os palcos, lembrando-nos sempre de que, enquanto a barbárie e o silenciamento rondarem nosso tempo, o fazer teatral compartilhado e arduamente pesquisado nos garantirá o fôlego, a lucidez e o direito inegociável à reinvenção.